

Idealismo de Comedia



Uma tactica geralmente posta em jogo, toda vez que um povo forte quer subjugar um povo fraco, consiste em dar-se este por selvagem ou barbaro, insinuando-se que é acto meritorio chamal-o ao placido e dulçuroso regaço da civilização. Si recusa missionarios e mentores, si teima em afastar-se da gente de *bôas maneiras*, fechando-se com os seus costumes exóticos, com os seus amuletos, com os seus *totens* inoffensivos, pretexta-se um attentado a essa civilização ou a intangivel soberania d'aquelle, e logo se estendem em linha de combate tropas e tanks, para o inexoravel desag-gravo e consequente occupação militar do paiz rebelde.

A historia contemporanea regista frequentemente factos que documentam o fundo de hypocrisia de taes processos de civilizar pobres raças e tribus satisfeitas na paz das suas choças, extranhas a um mundo de fascinações e grandezas, que nem

as tornaria mais felizes nem mais virtuosas. Para começar por um exemplo, a França, uma das nações mais cultas e menos religiosas da terra, tanto que deixou de ser a *filha dilecta* da Igreja Catholica para ser um vasto ninho de racionalistas, de scepticos, de livres pensadores, não hesitou em empunhar a Cruz contra o Crescente, quando pretendeu convencer as outras nações de que a sua politica de bombardeios, contra marroquinos e syrios, acalentava altos intuitos de humanidade, que se resumiam em retel-os e afagal-os sob o magnanimo patrocínio da cultura e do idealismo religioso do Occidente europeu. Mas o homerico riffenho Abd-el-Krin, hoje uma simples sombra no exilio em que o sepultou para sempre o governo francez, já havia denunciado aos quatro cantos do planeta que, sob o areal dos seus desertos ensopados de sangue, se occultavam thesouros que vinham aguçando a cupidez gauleza; e as regiões syrias informavam geologos e chimicos que não eram de abandonar-se pelo arado e a picareta dos financistas parisienses... Nem precisava tanto para arredar a possibilidade de mais um sacrificio, por parte da França, da fina flor dos seus exercitos, e em uma hora de tremendos compromissos contrahidos na Grande Guerra, ao *romantico idéal* de semear em lares rusticos uma fé que ella não mais professa. O tempo das cruzadas passou, e quando um credo se apaga no espirito dos homens, difficilmente se reanima e volta a vicejar.

* A politica protectoral da velha Gallia é a mesma de Julio Cesar quando a conquistou com as lanças das legiões romanas; a mesma dos povos medievaes, de assaltos, de morticinios collectivos, de incendios, contra outros menos aguerridos ou vivendo do trabalho pacifico, E' a mesma que, "por

mares nunca d'antes navegados", se dilatou por terras longinquas e prosperas, logo devastadas por evangelizadores de trabuco. Era a que vinha seguindo a Allemanha, antes de 1914, a que adoptam a Inglaterra, a Italia, os Estados Unidos, o Japão: — politica de imperialismo economico, ostensivamente aggressiva, prosaicamente materialista, contra a qual se devem precatar nações jovens e inexperientes, como o Brasil, millenarias e ingenuas, como a China, ora em foco, e que, em troca de vantagens de occasião, ou para se desafogarem de aperturas financeiras creadas por imprevidencia, por inepecia ou por deshonestidade dos seus respectivos governos, se deixam emmaranhar pela rede de aço das plutocracias estrangeiras, de cujas malhas, só a muito custo, ou talvez nunca, poderão libertar-se.

Esse idealismo religioso ou moral com que certas potencias procuram galvanizar ambições de dominio, de hegemonia industrial e mercantil, vale apenas como prêtexto que não varia de povo a povo: si é christão, faz-se propagandista do Antigo e do Novo Testamento, levando de rectaguarda os seus canhões; si mahometano, lá vae o Alcorão espetado na ponta dos alfanges. Neste ponto, a psychologia humana não differe da mentalidade nomade, peculiar áquellas tribus sempre em *razzias* ferozes a que eram tangidas pelo braço omnipotente de divindades avidas de carnagem.

Os systemas de philosophia pacifista, o ideologismo juridico das cathedras universitarias, as côrtes de justiça internacional são revestimentos superficiaes fragilimos com que se tenta cohibir instinctos ancestraes que, longe de arrefecerem, mais se aticaram com o vertiginoso progresso material das sociedades contemporaneas. Si este me-

lhorou consideravelmente as condições de existência de minorias privilegiadas, por outro lado, immolou á insoffrivel ganancia d'essas minorias milhões de seres humanos, sem direito algum ao opiparo banquete da vida, não falando da ruidosa queda de valores moraes multiseculares, precipitada pelo chocante desaccordo entrê idéaes novos e concepções caducas de uma ethica em franca decomposição.

Como um cantico que pouco a pouco se distancia e morre em modulações dispersas, mal podemos recolher os vagos fragmentos daquella aria wilsoniana que os Alliados entoavam em côro, preludiando, entre o fragor dos obuzes e o estrepito de barbaros imperios que ruíam, a idade de ouro da paz perenne no mundo. E sobre ella erguendo-se uma democracia de liberdade e justiça, em cada paiz, para todos os individuos; de um polo a outro do globo, para todos os povos. Estes, por mais pobres e humildes, ou menores que fossem, tão senhores de si, quanto os mais ricos e poderosos.

Com o leonino Tratado de Versalhes, todo esse lindo sonho messianico de liberdade e justiça, de confraternização e solidariedade juridica entre grandes e pequenos, entre vencedores e vencidos, subito se desmanchou de encontro á rochea camada de appetites em jogo, que o pavor da derrota e as angustias do *front* momentaneamente refrearam, para explodirem, depois, com mais impeto.

Dissipara-se ao claro sol do Armisticio o terrivel pesadello do imperialismo pangermanista, militar e feudal, que ameaçava a civilização, para logo toldar-se o limpido ceu pela cupidez não menos imperialista de velhas potencias e de novas que se forjaram na combustão das trincheiras.

Mui justamente observa Paul Louis, em um

dos seus excellentes estudos (*Le bouleversement mondial*, 1920) que as razões de Estado; que, em identicas situações, poderiam dictar contemporaneos de Machiavel, de Richelieu, de Frederico II, foram as mesmas que inspiraram os plenipotenciarios de Paris na sua irrisoria tentativa de reconstruir o edificio da paz universal.

Nações que ingenuamente collaboraram nessa pretensa obra de *democratização do mundo*, viram, um tanto desconcertadas, que os tratados de alianças e outros compromissos moralmente assumidos perante ellas, continuavam a ser "simples farrapos de papel", como antes semcerimoniosamente os taxára a chancelaria allemã. Colonias e tribus que haviam concorrido com sacrificios materiaes e com o proprio sangue a uma guerra que não provocaram, na doce esperança de desapertarem os grilhões, sentiram que estes se lhes encravavam ainda mais, logo que perceberam os seus dominadores que ellas queriam tambem solettrar a carta constitucional que o puritanismo idealista, ou antes mystico, de Wilson traçara ao destino dos continentes.

A' recusa seguida de reacção brutal se tem contraposto a luta não menos brutal por se emanciparem de protectorados que não são mais do que regimens escravocratas disfarçados. A' teimosia em não se permittir que se organizem economica e politicamente nos moldes d'aquelle Pacto, vão respondendo por insurreições legitimas, tendentes a generalizar-se, a tomar corpo, a alastrar-se e converter-se em avalanche irresistivel, envolvendo comunidades de milhões de homens presos entre si por laços ethnologicos, moraes e intellectuaes, por interesses e tradições communs. Essas com-

munidades que apprenderam nos campos de batalha o manejo das mesmas armas que as retinham em attitude servil, e hoje comprehendem quão seductora é a vida livre das outras, acham naturalmente que devem ser soberanas; attingem a consciencia da sua unidade, do seu destino, consciencia que, por emergir de um profundo instincto de conservação historica, não ha gaz asphyxiante que a estonteie e paralyse.

Joaquim Pimenta.